



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GIOVANNI ALVES DE SOUSA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS



EDUARDA DOS SANTOS VIANA

**SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NA OBRA “AS HORAS” DE
MICHAEL CUNNINGHAM**

PIRIPIRI - PI

2025

EDUARDA DOS SANTOS VIANA

**SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NA OBRA “AS HORAS” DE
MICHAEL CUNNINGHAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras Inglês, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em Letras
Inglês, sob a orientação Prof. Dr. Jivago
Araújo, H. R. Gonçalves.

PIRIPIRI - PI

2025

EDUARDA DOS SANTOS VIANA

**SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NA OBRA “AS HORAS” DE
MICHAEL CUNNINGHAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras Inglês, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em Letras
Inglês, sob a orientação Prof. Dr. Jivago
Araújo, H. R. Gonçalves.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jivago Araújo, H. R. Gonçalves (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Profª. Ma. Lylia Rachel Sousa Castro Cruz
Primeiro Examinador-Universidade Estadual do piauí (UESPI)

Profª. Ma. Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva
Segundo Examinador -Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Dedico esta monografia a minha família, e todos que me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por está sempre ao meu lado me guiando e me dando forças para ultrapassar todos os obstáculos, e cuidando de cada detalhe, pois sem Ele eu não teria concluído o curso.

Agradeço aos meus pais Francisco Pedro e Maria Rosa que com humildade e honestidade sempre me incentivaram a estudar.

Agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Jivago Araújo por toda paciência e apoio ao longo deste processo. Agradeço à Professora Mestra Lylia Rachel por todo seu carinho, atenção, dedicação, e por todo seu incentivo. Ao Professor Doutor Francisco Romário por toda sua contribuição na minha vida acadêmica. E também a Professora Mestra Sharmila O'hana por todos seus ensinamentos e dedicação em nos transmitir conhecimentos.

Agradeço também a UESPI, pelas bolsas que permitiram arcar com os gastos de transporte para a Universidade, e ao PIBID por todo aprendizado.

Por fim, agradeço aos meus colegas de classe por todo carinho e amizade que ajudaram a tornar mais leve a caminhada árdua na Universidade.

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão”(Isaías 40; 31).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma análise de *As Horas* (*The Hours*), de Michael Cunningham, um escritor norte-americano que recebeu o Prêmio Pulitzer pela obra adaptada para o cinema em 2002. A narrativa acompanha três mulheres de épocas distintas, Virginia Woolf, em 1923; Laura Brown, em 1951; Clarissa Vaughan, no final do milênio, cujas histórias se conectam por questões existenciais e problemas relacionados à saúde mental. O trabalho, de natureza bibliográfica e abordagem hipotético-dedutiva, fundamenta-se na teoria feminista da deficiência, de Rosemary Garland-Thomson (2002); no conceito de estigma de Erving Goffman (1988) e nos estudos sobre deficiência de Diniz (2007), além de artigos que ampliam a compreensão dos conceitos analisados. Os resultados apontam que as protagonistas, apesar das diferenças temporais e contextuais, compartilham experiências de sofrimento psíquico e enfrentam limitações impostas por questões sociais, culturais e de gênero, revelando reflexões atemporais sobre a condição feminina.

Palavras-Chave: *As Horas*; Saúde mental; Literatura; Mulheres; Michael Cunningham.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyse “*The Hours*” by Michael Cunningham, a North American writer who won the Pulitzer Prize for this work, which was adapted for the cinema in 2002. The narrative follows three women from different eras: Virginia Woolf in 1923, Laura Brown in 1952 and Clarissa Vaughan at the end of millennium, whose stories are connected by existential issues and problems related to mental health. The work, which is bibliographical in nature and takes a hypothetical-deductive approach, is based on the feminist theory of disability by Rosemary Garland Thomson (2002), the concept of stigma by Erving Goffman (1988) and studies on disability by Diniz (2007). The results show that protagonists, despite the temporal and contextual differences, share experiences of psychological suffering and face limitations imposed by social, cultural and gender issues, revealing timeless reflections on the female condition.

Keywords: *The Hours*; Mental health; Women; Literature; Michael Cunningham.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	13
3 <i>DOENÇAS MENTAIS E QUESTÕES PSICOLÓGICAS</i>	16
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	19
5 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, antes mesmo de ser reconhecida como uma questão pública, a literatura já retratava experiências pessoais de indivíduos que sofriam problemas relacionados a transtornos mentais. Assim, historicamente, o campo literário ofereceu voz a esses sujeitos, apresentando, em diferentes épocas, obras que traziam à tona figuras marcadas por dilemas psicológicos e, conseqüentemente, contribuem para o debate social e para a ampliação do conhecimento acerca das doenças mentais. Por isso, esta pesquisa delimitou-se a coletar dados sobre o adoecimento mental das protagonistas do livro “*As Horas*”, por meio do estudo da vida de três mulheres, que viveram em épocas distintas; fazendo uma relação entre o fenômeno teoria feminista da deficiência de Garland-Thomson (2002). Dessa forma, este estudo espera contribuir de forma significativa com o campo acadêmico e social, mostrando a necessidade da desconstrução do estigma em relação a doenças mentais, e as formas de lidar com essas pessoas.

Para fundamentar essa abordagem, considera-se que a teoria feminista da deficiência é um campo de estudo que busca interseccionar as perspectivas feministas com os estudos da deficiência, criticando a forma como o corpo e a deficiência são apresentados e vivenciados na sociedade, trazendo contribuições para as ciências sociais e humanas, além de romper com narrativas nas quais pessoas com algum tipo de deficiência são vistas como incapazes. Portanto, a relevância do estudo está em buscar compreender os indivíduos com outra perspectiva, no caso desta pesquisa deficiência psicossocial.

Nesse sentido, destaca-se que o escritor norte-americano Michael Cunningham é autor de sete romances, que ficou conhecido por sua obra “*As Horas*”, publicada em 1997, pelo qual ganhou o prêmio Pulitzer, e que inclusive foi adaptado para o cinema em 2002. A obra vagueia em torno da vida de três mulheres, são elas: Laura Brown, uma dona de casa, insatisfeita com sua vida que vive em Los Angeles; Clarissa Vaughan, uma editora, que vive nos dias atuais em West 10th Street, em Greenwich Village. E a personagem real baseada na autora Virginia Woolf, que vive em Londres e está preparando os manuscritos do seu livro *Mrs. Dalloway*.

Diante disso, o problema de pesquisa que orienta este estudo consiste em compreender como o adoecimento mental é apresentado na obra “*As horas*” por meio das personagens principais, Virginia Woolf, Laura Brown, e Clarissa Vaughan a partir da teoria feminista da deficiência, buscando assim, responder essa questão por meio dos objetivos específicos. Além disso, cada um desses tiveram hipóteses que são as seguintes: 1) Teoria feminista da deficiência integra estudos feministas aqueles sobre deficiência, num contexto político e de direitos humanos para articular suas contribuições, frente à explícita relação que o feminismo assume entre o trabalho intelectual e o compromisso para uma sociedade mais desestigmatizada. 2) na obra *As Horas* é retratado como as três personagens principais estão ligadas por suas dores emocionais, questionamentos sobre a vida, e aflições. 3) os fatores que influenciaram o adoecimento das protagonistas é multifacetada, ou seja, variados, porém dificuldades de lidar com as emoções, o estresse da vida cotidiana e conflitos com a realidade, são motivos que causam o desenvolvimento de problemas psicológicos.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como básica e exploratória, com abordagem qualitativa e método hipotético dedutivo. O procedimento adotado será monográfico, concentrando-se na análise detalhada da obra *As Horas*, e o tema pertinente teoria feminista da deficiência. Para embasamento teórico deste trabalho, foram selecionados os seguintes autores: Foucault (2007), Goffman (1988), Thomson (2002), Donaldson (2002), Brunello (1998), Durkheim (2000), e Pinheiro e Santos (2008). Sendo assim, a construção dos dados para análise foi formulada a partir dos dados teóricos sobre saúde mental abordados na literatura, e também de análises do romance de Cunningham.

Por fim, a organização do trabalho foi estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo é realizada uma breve contextualização da perspectiva histórica com relação a doenças mentais, a forma como era vista pela sociedade, e sua evolução ao longo dos anos. Seguindo os estudos de Foucault (2007), sobre a história da loucura, fundamentando-se nas ideias de Goffman(1988) sobre definição de estigma.

Em seguida, no segundo capítulo, discute-se a temática das doenças mentais e de questões associadas a transtornos psicológicos, à luz dos estudos de

Thomson (2002) sobre teoria feminista da deficiência, bem como as reflexões de Donaldson (2002) acerca da representação da deficiência no cenário literário. A análise contempla obras que problematizam a forma como a sociedade percebe e retrata mulheres que vivenciam algum tipo de transtorno psicológico.

Como resultado, a análise será realizada através do estudo da vida de três mulheres que viveram em épocas distintas, mas que estão conectadas. Primeiro por seus dilemas, seus conflitos com a realidade, e insatisfação com a vida. Segundo por *Mrs. Dalloway*, pois a própria Virgínia Woolf está escrevendo o manuscrito deste livro, além disso, as outras duas protagonistas, Laura Brown, está lendo *Mrs. Dalloway*, e Clarissa Vaughan uma editora de livros, também aprecia muito Woolf, e suas obras.

O intuito desta seção será adentrar em teorias que abordem aspectos relacionados ao foco desta pesquisa que é saúde mental e teoria feminista da deficiência correlacionando com as protagonistas da obra *“As Horas”*. Para que dessa forma, pelo ponto de vista de diferentes autores e autoras, haja a correlação entre a obra em estudo, e possamos então entender as diferentes perspectivas em épocas e temporalidades distintas, no que tange a questões psicológicas das protagonistas da obra, e aspectos históricos com relação a forma como essas pessoas eram vistas pela sociedade.

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE DOENÇAS MENTAIS

Inicialmente, é importante destacar o conceito de saúde mental definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza como: “um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidar com momentos estressantes da vida, trabalhar de forma produtiva, e contribuir para a melhoria da sua comunidade”. Sendo assim, não é algo isolado, mas inclui fatores biológicos, psicológicos e sociais, que influenciam diretamente no estado emocional de cada indivíduo, como a capacidade de lidar com os estresses do dia a dia, e as adversidades da vida, e não apenas a ausência de transtornos mentais.

Nesse sentido, mesmo em tempos remotos, é possível afirmar que as pessoas já apresentavam problemas mentais. Contudo, naquele período não havia compreensão nem tratamentos adequados para tais condições. Foi somente com o avanço do discurso médico-científico sobre a loucura que a psiquiatria assumiu as responsabilidades pelos cuidados dos indivíduos com transtornos mentais. Ao longo dos anos ocorreram muitas transformações, tornando possível o diagnóstico e o tratamento dessas doenças. Entretanto, após a Segunda Guerra Mundial, o confinamento dos pacientes em manicômios passou a ser visto como uma prática desumana e segregante. Durante esse período, apesar dos avanços na medicina, a forma de lidar com perturbações mentais ainda apresentavam limitações significativas.

Como lembra Gonçalves (2004, p. 159), “As doenças mentais foram muitas vezes atribuídas a castigos dos deuses, a possessões demoníacas”(..).

Consequentemente, apesar de muito progresso nesse campo de estudo, interpretações equivocadas ainda são utilizadas por sociedades globalizadas, discursos intolerantes são utilizados baseados em conhecimentos de práticas ancestrais, que foram enraizados na cultura da sociedade.

Nesse cenário, os estudos de Foucault e Canguilhem ajudam a compreender como a sociedade construiu e transformou o significado da loucura. Foucault (1978), em sua obra denomina a história da loucura, aborda como ao longo dos anos, na idade média até o século XX a loucura foi sendo vista pela sociedade e tratada. Através de uma análise arqueológica do discurso sobre a loucura, as relações de poder dos discursos sociais e culturais, a desconstrução do pensamento sobre este campo de estudo. Não obstante, Canguilhem (2009) afirma que “o portador de um defeito físico, congênito, um esquizofrênico levantam em última análise, ao conjunto de pesquisas anatômicas embrionárias, fisiológicas e psicológicas” (Canguilhem, 2009, p. 10).

Essa construção social da loucura está diretamente associada ao estigma, conceito amplamente trabalhado por Goffman (1988), que define estigma como um sinal profundamente depreciativo utilizado para afastar de um grupo dominante, algum indivíduo ou conjunto de pessoas com determinadas características que os diferenciam da norma, resultando em indivíduos rejeitados, objetos de discriminação e excluídos da participação em diversas áreas da saúde.

A partir dessa compreensão, nota-se que historicamente, pessoas que apresentavam enfermidades mentais foram marginalizadas e privadas de direitos básicos, o que reforça um ciclo de exclusão social. Como observa Gaspari (2002, p.14), “o homem não é um ser isolado, é um membro ativo e reativo de grupos sociais”. Assim, a falta de interação saudável prejudica o desenvolvimento de habilidades de convivência e amplia o isolamento. Paralelamente, o termo saúde mental passou a circular amplamente em legislações ou políticas governamentais como designação de serviços de saúde, também aparecem manuais, artigos científicos, em livros, em meios de comunicação. Assim, essa constante repetição causa dúvida do que realmente significa.

Foucault (1978) aborda sobre o âmbito da saúde mental, e destaca que a história da loucura não se restringe com o domínio do conhecimento médico, mas

também com questões relacionadas à experiência jurídica da alienação, tratando o indivíduo como incapaz, perturbador do grupo, de acordo com preceitos morais, éticos e políticos do século XVII e XVIII, já que é uma questão também políticas,

Complementando as ideias de Foucault, Brunello (1988) discute que a representação da loucura presente na sociedade ainda coloca o usuário do serviço de saúde mental, sobretudo aqueles que vivenciaram um processo de institucionalização, num lugar de alienação e de despersonalização, em que não há crédito social e respeito, reduzindo-os a um estigma e impedindo sua comunicação com a sociedade, resultando num processo de exclusão e segregação, como consequência da estigmatização.

Consequentemente, o indivíduo passa a viver no seu “próprio mundo”, se isolando, e acaba se tornando vulnerável, perdendo assim crédito social, e retirando-lhe todo o direito de cidadão, pois a sociedade acaba taxando a pessoa como estranha. Ou seja, uma representação distorcida da pessoa com doença mental, associado a características negativas por falta de conhecimento.

Segundo Diniz (2007, p.18), “a novidade da teoria feminista de deficiência foi a releitura dos pressupostos do movimento social da deficiência em especial a ideias de corpo e ordinário e da independência”. A autora complementa que as teorias feministas trouxeram à tona temas esquecidos na agenda de discussões de modelo social, em outras palavras evidenciaram temas negligenciados em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais.

Inclusive a autora menciona sobre o movimento denominado Upias em 1976, que teve como objetivo redefinir a deficiência em termos de exclusão social” (Diniz, (2007, p. 16). E a partir deste movimento a deficiência passou a ser entendida como opressão social, assim como outros grupos como mulheres e negros, abrindo espaço para discussões e mudanças sociais para esses grupos.

Ou seja, as alternativas para romper com o ciclo de segregação e opressão não deveriam ser buscadas nos recursos médicos, mas especialmente na ação política capaz de denunciar a ideologia que oprimia os deficientes (Diniz 2007, p 19). Nesse viés, a segregação dos deficientes da vida social, ainda persiste na sociedade, pois são muitos os desafios a serem enfrentados para serem aceitos na sociedade, pois o uso termos errôneos são bem comuns para descrevê-los como

por exemplo: anormal, monstruoso, dentre outros que causam sérios prejuízos para a vida profissional e pessoal, havendo assim uma urgência em estudos históricos e antropólogos sobre deficiência em diferentes tempos e culturas como cita Oliver.

Segundo Filho, Coelho e Peres (1999), “as sociedades multiculturais que praticamente definem o que se vem chamando de pós-modernidade, o pluralismo étnico, a exclusão social, a brecha geracional, a desigualdade de gênero’. Para os autores citados acima, a relação entre doença mental e o conceito de “normal” necessitam de uma nova forma de pensamento, um avanço significativo. É importante conhecer as dimensões na sociedade, o conceito de patologia psiquiátrica, que são transtornos que afetam o funcionamento psicológico, ou seja, a instabilidade na mente.

Essa revisão histórica é essencial para compreender que apesar dos avanços significativos no campo da saúde mental, ainda existem resquícios de preconceitos antigos influenciando no modo como a sociedade trata as pessoas com transtornos psicológicos. Sendo assim, essa compreensão será fundamental para análise das personagens de *As Horas* nos capítulos seguintes.

3 DOENÇAS MENTAIS E PROBLEMAS PSICOLÓGICOS

Embora muitos estudos sobre deficiência estejam florescendo em muitas áreas, as questões relacionadas a doenças mentais ainda precisam de muita evolução. Segundo Thomson, assim como os estudos feministas, os estudos sobre deficiência nos deram um léxico, linguagem, ou vocabulário para falar sobre essas questões. E portanto, ser capaz de integrar pessoas deficientes na sociedade e desestigmatizar (Thomson, 2002, p. 3, tradução nossa)¹.

Seguindo essa perspectiva, Débora Diniz ressalta que “foram as feministas que introduziram o debate sobre as restrições intelectuais, sobre a ambiguidade da identidade deficiente em casos de lesões não aparentes(..)” (Diniz, 2007, p. 61)”. Isto é, os campos de estudos que envolvem pessoas marginalizadas da sociedade, abrem espaços para outras discussões, que possibilitam novas formas de

¹ Texto original: Just us feminism has expanded the lexicon of what we imagine as womanly, has sought to understand and destigmatize what we call the subject position of woman.

pensamentos, e lutas para os direitos dos indivíduos frente uma sociedade preconceituosa.

Nesse sentido, a relevância dos estudos de Thomson (2002) reside em abrir espaço para discussão sobre doenças mentais nos estudos acadêmicos sobre mulheres, trazendo contribuições nas pesquisas de saúde, e lutas contra as formas de opressão e desigualdade. Para complementar, Thomson assegura que: “Estudos sobre deficiência examinaram a identidade da deficiência a serviço da integração mais completa das pessoas com deficiência na sociedade”(Thomson, 2002, p. 3, tradução nossa)².

A discussão se torna ainda mais rica quando se considera a representação de deficiências no cenário literário. Elisabeth J. Donaldson, em sua obra *The Corpus of the Madwoman: Toward a Feminist Disability Studies Theory of Embodiment and Mental Illness*, analisa a forma como as personagens femininas com doenças mentais são apresentadas na literatura geralmente associadas a conotações negativas por parte da sociedade. Essa abordagem evidencia que tais representações não acontecem apenas em recurso narrativo, mas refletem percepções concretas da sociedade.

Assim, torna-se perceptível que a figura feminina com relação a doenças mentais não é um fato que ocorria em obras literárias, mas um reflexo daquilo que estava ocorrendo, de percepções e questões sociais. O modo como a sociedade lida com as deficiências, com suas individualidades estão arraigadas de forma negativa, ou seja, como uma forma de fraqueza física e mental, e não apenas como mero artifício ficcional, mas revela a expressão de realidades e estigma presentes na vida social.

Donaldson (2002) explora, por exemplo, o tratamento dado à loucura na era vitoriana, na qual figuras femininas eram empregadas como loucas em textos literários. Por exemplo: *Jane Eyre* por Charlotte Brontë na qual é retratada a doença mental de Bertha Mason. Durante esse período houve uma mudança na forma de pensar das pessoas no que tange doenças mentais, e sendo mais aceita pela sociedade, começando a ter na literatura narrativas que tinham a ver com essa temática, que antes não eram muito populares na época. Ademais, Thomson (2002)

² Texto original: So has disability studies examined the identify *disabled* in the service of integrating people with disabilities more fully into our society

explica que a percepção que a sociedade tem dos indivíduos com doenças mentais, é mantida o foco apenas na sua vulnerabilidade deixando de lado seus pontos fortes, suas habilidades. Por isso, torna-se necessário a desmistificação deste estigma.

Com base nessas considerações, evidencia-se a persistência da desigualdade e da opressão vivenciadas por pessoas com algum tipo de deficiência. Assim, torna-se imprescindível a implementação de políticas e ações que reduzam os impactos negativos dessa realidade, por meio de recursos e estratégias que favoreçam a inclusão social. Tais medidas devem visar ao combate de estereótipos e à desconstrução de preconceitos historicamente arraigados na sociedade.

Essa reflexão torna-se especialmente relevante ao se articular a sociedade contemporânea com o contexto histórico das protagonistas da obra *“As Horas”*, e a geração ansiosa e depressiva do século XXI, mas especificamente nos últimos anos, com pessoas apresentando sérios problemas psicológicos, como depressão, levando a casos mais agravantes como suicídio. Inclusive Haidt discute sobre a crise de saúde mental enfrentada pelas novas gerações, denominando como (“epidemia de transtornos”), bem como o impacto que causa na vida dessas pessoas.

A gravidade dessa situação também foi discutida por Durkheim (2000), que define o suicídio como: “o ato de desespero de um homem que não faz mais questão de viver” (Durkheim 2000, p. 13). Nessa perspectiva, segundo o pensamento do autor, o indivíduo que está com pensamentos e intenções de se suicidar, não vê mais sentido em permanecer vivo, sua existência já está tão acometida por tantos problemas, e como uma forma de “fugir daquela realidade”, acaba chegando a um nível mais profundo de depressão, e desespero: o suicídio.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão explorados diversos aspectos relacionados aos problemas mentais das protagonistas do romance “As Horas”, a luz do fenômeno teoria feminista da deficiência, que se caracteriza como campo de estudo que articula os estudos de gênero e deficiência, contribuindo assim para a compreensão de uma sociedade mais complexa. Essa análise tem como foco central a vida das três protagonistas, e suas lutas contra condições mentais.

Cunningham constrói uma trama em que, embora as protagonistas vivessem em épocas distintas, elas se encontram conectadas por dois elementos principais: a obra *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, e as inquietações existenciais que permeiam suas vidas. A personagem baseada na própria Woolf escreve o manuscrito; Laura Brown lê e se identifica com a obra; e Clarissa Vaughan, editora de livros, nutre profunda admiração pela autora e por seus textos.

A primeira personagem apresentada, após o prólogo que descreve o suicídio de Woolf, é Clarissa Vaughan, uma editora de 52 anos que viveu no século XX, em Nova Iorque. Em seguida, a narrativa volta à própria Virgínia Woolf, e depois apresenta Laura Brown, uma dona de casa Californiana que viveu em 1949. Essa estrutura entrelaçada reflete o modo como o autor constrói paralelos entre vidas por décadas, mas unidas por dilemas.

No caso de Laura Brown, por exemplo, percebe-se sua dificuldade em realizar até mesmo tarefas simples do dia a dia, como ilustra o trecho abaixo:

Ainda não está preparada. As tarefas que as esperam (vestir o roupão, escovar os dentes, descer para a cozinha) estão demasiadamente esbatidas, demasiado impalpáveis. Vai permitir-se mais um minuto aqui na cama antes de iniciar o dia (Cunningham, 1999, p. 21).

Laura, experimenta seus dilemas, um conjunto de emoções, e angústias. Prende-se ao tédio, agravando progressivamente seu emocional, e afetando negativamente sua vida cotidiana. É importante ressaltar o que Thomson discute sobre os quatro domínios fundamentais da teoria feminista da

deficiência, que são: 1) representação, 2) o corpo, 3) identidade, e 4) ativismo”(Thomson 2002, p.6)”³.

Em síntese, como afirma Thomson, a teoria feminista da deficiência utiliza a teoria crítica, a representação estrutura a realidade, as margens definem o centro, o gênero é uma forma de ressignificar relações de poder, a identidade humana é múltipla e instável, e toda análise e avaliação têm implicações políticas (Thomson 2002, p. 6, tradução nossa)⁴

A primeira protagonista descrita por Cunningham no livro *As horas*, é Virginia Woolf. No prólogo do livro, seu suicídio é descrito de forma minuciosa. Uma escritora renomada, mas que teve uma vida difícil, acometida por problemas de sanidade mental.

A infância e a juventude de Virgínia foram envoltas por períodos difíceis e situações traumáticas, as quais auxiliaram na compreensão do desenvolvimento de sua doença mental. Ela teve perdas significativas quando jovem. Sua mãe faleceu quando tinha 13 anos de idade(idade na qual teve seu surto inicial), e, dois anos mais tarde, sua meia irmã Stella, que havia “ocupado o lugar de mãe”, também faleceu. Pela mesma época, seu irmão Toby, por quem Virgínia nutria grande afeto, e seu pai também faleceram. (Moraes *et al.*, 2006, p. 88).

Além desses fatores, a questão genética é outro fator que influenciou o adoecimento da protagonista, pois em sua família encontram-se muitos casos de desordem mental. Ademais, no período em que ela viveu em 1941, não existia nenhum tratamento adequado para seu transtorno. Pinheiro e Santos (2008) observam que Virgínia chega em um estado avançado de transtornos mentais, sem possibilidades de vida, angustiada, se entrega às dores emocionais, e como uma forma de fuga extrema acaba tirando a sua própria vida. Além disso, a mudança de Londres para Richmond influencia ainda mais para que ela se isole da realidade em

³ Texto original: I discuss four fundamental and interpenetrating domains of feminist theory and suggest some of the kinds of critical inquiries that considering disability can generate within these theoretical arenas. These domains are: 1) representation, 2) the body, 3) identify, and 4) activism.

⁴ Texto original: “Feminist disability theory engages several of the fundamental promises of critical theory: 1) that presentation structures reality, 2) that the margins define the center, 3) that the gender(or disability) is as way of signifying relationships of power that human identity is multiple and unstable, 4) that all analyses and evolution have political implications”.

que vive. Como é possível perceber no trecho abaixo: “Regressará a Londres. Será melhor morrer doida varrida em Londres do que evaporar-se em Richmond” (Cunningham 1999. p.37).

Para a protagonista a vida já não fazia nenhum sentido, e a morte representava uma fuga da realidade. “O mundo fica, todo ele, tão estéril de escuridão como como um deserto é de água”(Cunningham 1999 p. 36). Ou seja, ela entra num estado tão grande de tristeza, e inquietudes com os problemas da vida, que sua existência passa a ser vista de forma distorcida, sem sentido. Em coisas que antes pareciam divertidas, passam a se tornar uma escuridão, e ela não vê saída para sua situação.

Woolf sofre de dores de cabeça constantes, e mostra-se bem diante do seu marido Leonard para não preocupá-lo: “Há algum tempo está livre delas, mas sabe que a dor de cabeça pode voltar de repente, mas ignora isso na presença de Leonard, mostra-se mais vigorosamente saudável do que por vezes sente”(Cunningham 1999, p. 37).

Por fim, mostra-se forte diante de seu marido. “Sentia que estava arruinando também a vida de Leonard. Devia a ele momentos de felicidade, mas tinha consciência de que sua depressão chegara a um nível insuportável” (Sousa e Chiara, 2016, p.2). E acaba cometendo algo terrível, enche de pedras o bolso do seu casaco, e afoga-se no rio próximo a sua casa. Inclusive seu suicídio é descrito no prólogo do livro de forma minuciosa, trazendo uma reflexão sobre o estigma naquele período, em 1941, sobre as questões de doença mental, pois Virginia teve que se mudar de Londres para o campo para tratar sua enfermidade mental, a pedido do médico e de seu marido.

É importante destacar um evento que aconteceu enquanto Woolf estava no quintal de sua casa. Ela encontra um pássaro morto, e fica refletindo sobre sua vida. Ela faz a seguinte reflexão: “Agora é lixo, perdeu a beleza da tarde do mesmo modo que Virginia perdeu a sua admiração, à mesa de chá, por chávena e casacos, do mesmo modo que o dia está a perder o seu calor” (Cunningham, 1999. p. 145).

Nesse trecho observamos que a protagonista perdeu a admiração por coisas que antes eram prazerosas, fica refletindo sobre sua existência, enquanto prepara o

chá para sua irmã Vanessa que irá fazer uma visita. Ou seja, suas fragilidades, seu sofrimento, e pensamentos com relação à morte. Além disso, outro ponto importante é o que menciona Moraes et al “Na época que ela viveu, pouco se conhecia sobre a doença, tendo, então sido vítima da falta de tratamento mais eficiente, disponível nos dias atuais” (Moraes *et al*, 2006, p. 7)“.

Woolf, que residia em Richmond, um subúrbio de Londres, em certa ocasião saiu para passear sem comunicar a ninguém. Diante de sua ausência, seu esposo, tomado pela preocupação, foi procurá-la, questionando-a sobre o motivo de ter desaparecido antes do jantar sem qualquer aviso, e manifestando o receio de que algo grave pudesse ter ocorrido. Conforme relata o narrador, “Sabe que devia dizer-lhe que sua premonição não tinha sido inteiramente errada, que ela encenara de fato uma espécie de fuga e tencionara de fato desaparecer (...)” (Cunningham, 1999, p. 150).

Virginia é afetada pela depressão, em muitas cenas Cunningham descreve sua perturbação por ouvir vozes, e tentativas de suicídio. Laura Brown também tem pensamentos suicidas, e enfrenta a depressão, e Clarissa Vaughan apesar do autor mostrar de forma mais explícita, é carregada com frustrações, e culpa por oportunidade perdidas, levando a sentir uma tristeza profunda, indicando uma forma de depressão menos intensa, ou seja, uma depressão mais contida. Dessa forma, a vida dessas três mulheres mostra que a depressão pode afetar pessoas de diferentes épocas e contextos, e a dificuldade em lidar com questões relacionadas ao sofrimento psíquico.

Laura Brown a segunda protagonista da trama, uma dona de casa norte-americana, que está preparando um bolo de aniversário para seu marido. E como uma forma de fugir um pouco da realidade, decide sair de carro, e procura um lugar silencioso, e resolve ir para um hotel, imagina que poderá assim ter mais tempo para ler seus livros que gosta. No entanto, também acometida por problemas mentais, pensa: “imagina Virginia Woolf desequilibrada e vencida pelas impossíveis exigências da vida e da arte; imagina-a a entrar no rio com uma pedra na algibeira. Seria tão simples, como alugar um quarto num hotel. Sim, seria tão simples como isso” (Cunningham 1999, p. 133).

Nessa perspectiva, Pinheiro e Santos (2008) afirmam:

Também sofrendo de depressão e espelhando-se no *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, Laura Brown não aceita sua vida cotidiana; em virtude disso, o relacionamento com seu filho, o pequeno Richie, e com seu marido torna-se difícil. Estrangeira e casada com um herói de guerra, deseja ter mais tempo para seu lado intelectual, sufocado devido às responsabilidades de dona-de-casa, esposa e mãe que assume após matrimônio. Lembra de sua adolescência, quando não tinha grandes relacionamentos sociais, e seu tempo era dedicado à leitura, sua única preocupação e ocupação.” (Pinheiro e Santos, 2008, p. 8).

Em síntese, a personagem apresenta-se exaurida de suas tarefas do dia a dia, rememorando o período da adolescência, na qual dispunha de menos responsabilidades e, conseqüentemente, maior tempo para dedicar-se à leitura de obras literárias do seu interesse. Atualmente, sobrecarregada por múltiplas obrigações e enfrentando dificuldades relacionadas à saúde mental, manifesta-se fatigada pela rotina que envolve os papéis de mãe, dona de casa e esposa. E “enquanto empurrava o carrinho no supermercado, refletia sobre sua vida: Outras mulheres em menor grau também pensam da mesma forma, prefeririam estar em outro lugar do executar tarefas como: examinar tomates, sentar-se abaixo do secador de cabelo, fazem isso porque é seu dever, mas não por querer” (Cunningham, 1999, p. 22).

E para se distrair das obrigações do cotidiano e refletir sobre sua vida e os sonhos do passado, a Sra. Brown decide sair de carro, deixando temporariamente seu filho aos cuidados da Sra. Latch. Seu objetivo é encontrar um lugar tranquilo onde possa se recolher. “No entanto, mesmo diante da tentativa de descanso, deitada na cama com o livro nas mãos, sentia-se vazia, exaurida pelo filho, pelo bolo”(Cunningham, 1999, p. 123). Em outras palavras, é uma dona de casa que vive em Los Angeles em 1949, angustiada com as mazelas da vida, como questões emocionais, frustrações, estresse do dia a dia. E o acúmulo de tantas preocupações foram levando ao desenvolvimento de depressão.

Casada com um ex-soldado, no período pós Segunda Guerra Mundial, em que representa o retorno da domesticação. Laura luta para ser a esposa e mãe perfeita, ao passo que seus desejos individuais são deixados de lado devido a

pressão da sociedade, levando a ficar sufocada pelos ideais do papel da mulher, cuidados com o filho, e fazeres de casa. Por isso, sai de carro e procura um lugar tranquilo, pensa em ir em uma praia ou biblioteca, no entanto resolve ir para um hotel, já que ficaria sozinha no quarto, e teria mais tempo para fazer suas leituras. “Laura Brown vai a fim de alguns momentos de reflexão e imersão em seu livro e em suas próprias inquietações” (Dias 2016, p.8).

Enquanto estava no quarto começou a ter pensamentos suicidas: “Ela podia decidir morrer. É uma tremeluzente ideia abstrata, não particularmente mórbida. É em quartos de hotel que as pessoas fazem coisas dessas, não é?” (Cunningham, 1999, p. 132). Contudo, pensa em seu filho, no seu marido, em sua amiga Kitty, e em seu filho que está no seu ventre, pois está grávida, e decide não cometer nada contra sua própria vida. se apressa para ir embora, e fica refletindo sobre voltar a fazer coisas triviais como: buscar o filho, e fazer o jantar do marido.

A terceira protagonista, descrita por Cunningham na obra *As Horas*, é Clarissa Vaughan, uma editora de livros que está preparando uma festa de comemoração para seu amigo, Richard. Ela vive as dualidades da vida, de um lado seu amigo que cometeu suicídio, de outro a arte. Sendo assim Pinheiro e Santos afirmam:

Assim como as duas protagonistas, Clarissa não aceita sua realidade. Porém, ao contrário das outras duas, esta não se rebela contra sua vida, seu meio social e as pessoas que o formam”. Isto é, como forma de escape dos problemas da vida, ela tenta criar um universo particular, e apesar de ter uma carreira de sucesso (Pinheiro e Santos (2008, p.9).

Porém, após a morte do seu amigo por suicídio no dia em que ele iria ganhar uma premiação por suas poesias, seu psicológico fica muito abatido, sente-se solitária, pois tinha uma estreita relação com Richard. Suas inquietações sobre a vida começam a ficarem maiores, passando a ter uma nova perspectiva sobre a sua existência e sobre a morte, ou seja, a dura realidade que tem que enfrentar. E apesar de não demonstrar suas perturbações mentais como as outras duas personagens, após a morte dele seu estado emocional fica desequilibrado, e sente uma tristeza profunda e persistente.

Por fim, uma questão que precisa ser considerada nesta análise é as semelhanças nas três histórias. Seus problemas, frustrações, insatisfação com a realidade, e a obra *Mrs. Dalloway*:

O título da obra de Cunningham sintetiza a trama do livro, ou seja, um dia na vida de três protagonistas, ou, antes, os fragmentos das horas de um dia simples ao mesmo tempo angustiante, aparentemente normal, mas intimamente complexo, vivido por uma das três heroínas. A passagem das horas é um crescente de angústias que consome essas três mulheres, inadaptadas aos seus respectivos espaços, o que revela uma profunda ligação entre as categorias de tempo e espaço (Pinheiro e Santos 2008, p.11).

Analisando esta passagem, é possível perceber que Michael Cunningham faz uma homenagem a Woolf privilegiando *Mrs. Dalloway*, mostrando cenas do dia a dia, obrigações como: trabalhar, cuidar dos filhos, fazer um bolo, e outros afazeres doméstico, além disso, é ressaltado sobre as aflições que perpassam a vida das três personagens, suas lutas internas, e conseqüentemente, suas dores e sofrimentos. O autor entrelaça a vida de três mulheres, movidas por angústias, uma real, e duas fictícias.

Para Silva, “em *As Horas*”, Cunningham escreve um romance que tenta preencher as lacunas deixadas entre as épocas que retratam os anos 20, 50 e início do milênio” (Silva, 2004, p.151). Visto isto que, a obra é uma releitura de *Mrs. Dalloway*, além disso, em cada uma dessas épocas é abordado sobre três mulheres, que estão ligadas através desse clássico da literatura. A primeira, nos anos 20, é Virginia Woolf, a segunda é Laura Brown, nos anos 50, e a terceira Clarissa Vaughan no início do milênio.

Como acrescenta Dias (2004) sobre a protagonista Virgínia Woolf, ao mencionar que a passagem do tempo torna-se uma tortura diante do cotidiano sem mudanças significativas para a melhora da qualidade de vida, e do seu estado emocional. Diante disso, tenta se encaixar na inserção de uma vida considerada “normal” para os médicos e marido, a morte se torna para a protagonista uma “saída” de seus conflitos internos.

“A morte é evocada como um alívio para aqueles que não são compreendidos e não conseguem estabelecer contato com o mundo exterior e suas mazelas”(Dias 2016, p. 142). Essa citação ilustra a importância do apoio, e suporte emocional por parte da família, e do meio social que o indivíduo convive, pois ajuda a reduzir o estigma, proporcionando um ambiente em que se torne seguro e acolhedor, além da inclusão social.

A reflexão do autor mencionado anteriormente evidencia de maneira expressiva a trajetória das protagonistas do romance de Cunningham. Três mulheres, incompreendidas em relação às próprias aflições, buscam formas de escape diante do sofrimento que passam. Em um estágio tão profundo de dor, a morte passa a ser concebida como uma possível “saída da realidade”. Dessa forma, a obra expõe não apenas os conflitos individuais de cada personagem, mas também seus pensamentos mais íntimos e subjetivos.

No que se refere a Clarissa, embora viva em um contexto histórico mais recente que o de Virginia, marcado por avanços nos direitos e nas formas de pensamento da sociedade, persistem sobre ela significativas cargas emocionais, cobranças internas e a pressão social pela busca de felicidade e sucesso. Dessa forma, a subjetividade feminina apresentada por cada uma dessas personagens é construída a partir de sua trajetória individual, de suas experiências e de seus contextos socioculturais, articulando-se também a aspectos psicológicos e sendo influenciadas por dinâmicas de poder.

Esta ilustração, salienta que a teoria de Thomson contribui para a formação de uma sociedade integrada e justa, e compreender que cada indivíduo tem suas peculiaridade que devem ser respeitadas, além de desconstruir a forma de ver os indivíduos com deficiência como incapazes, e como cada uma das protagonistas da obra “*As Horas*” enfrentam pressões sociais em relação expectativas normativas.

Em síntese, as práticas discriminatórias ao longo das diferentes épocas refletem as dinâmicas do domínio social. Assim, torna-se imprescindível compreender a deficiência enquanto uma experiência cultural e relacional conforme proposto por Rosemary. Nesse contexto, determinados grupos são submetidos à

exclusão social, fruto de um preconceito historicamente enraizado na sociedade. Tal condição implica em múltiplos desafios para que esses grupos possam efetivar o acesso aos seus direitos, os quais, na prática, permanecem frequentemente inacessíveis. Essa lacuna decorre, em grande medida, da escassez de espaço dedicado à discussão da temática, bem como da invisibilidade do sofrimento vivido pelos indivíduos marginalizados. Ademais, o preconceito e a falta de reconhecimento social dificultam a abordagem objetiva e profunda do sofrimento emocional por eles experimentado, contribuindo para que tais relatos sejam desconsiderados ou minimizados.

5 CONCLUSÃO

Com base nos argumentos apresentados, permitiu observar que em diferentes épocas, a literatura mostra a complexidade da mente humana através de indivíduos enfrentando questões relacionadas à psique, por isso, esta pesquisa pretendeu entender o âmbito da saúde mental, um campo de estudo de grande relevância para a promoção do bem estar. Sendo assim, foi realizada a análise da vida de três mulheres da obra *As Horas*, que são: Virginia Woolf, Laura Brown, e Clarissa Vaughan.

Para atingir uma compreensão sobre o adoecimento mental das protagonistas definiu-se três objetivos específicos. O primeiro, conceituar o que é saúde mental e a teoria feminista da deficiência, e verificou-se que é um campo de estudo que aborda sobre a importância de ter uma mente saudável, e como ainda precisa de mais compreensão por parte da sociedade, para que haja uma desconstrução do estigma. Em suma, os estudos feministas voltados para a deficiência, é uma teoria que questiona sobre estigma relacionado a mulheres que apresentam alguma deficiência, de modo a combater a discriminação. Segundo, descrever como as protagonistas estão ligadas por três temporalidades distintas, e terceiro, identificar que fatores influenciaram o adoecimento das personagens principais.

Através da observação destes aspectos, a resposta é que: as três mulheres estão ligadas primeiro por *Mrs. Dalloway*, pois a própria Virginia Woolf uma das protagonistas não fictícia está escrevendo o manuscrito desta obra, ademais, Laura Brown está lendo este clássico, e se identifica com a personagem principal, e Clarissa Vaughan, uma editora famosa, admira e se espelha em Woolf. Segundo, estão conectadas por suas dores emocionais, pois lutam com problemas psicológicos, e vazio existencial.

Como foi proposto em sua introdução, tinha como objetivo geral analisar o adoecimento mental das protagonistas da obra “*As Horas*”, a partir do fenômeno teoria feminista da deficiência, e com a finalidade de responder a seguinte pergunta: como o adoecimento mental é apresentado nas protagonistas do livro *As Horas* de Michael Cunningham a partir da teoria de Thomson.

Sendo assim, cada uma das personagens enfrentaram dificuldades emocionais. Em relação a Virgínia Woolf, para tratar seus transtornos emocionais, seu marido a acompanha até Richmond, um subúrbio em Londres, contudo, sente-se perturbada por suas fortes dores de cabeça, ouve vozes, e sofre com o constante tormento provocado por sua mente, evidenciando assim a complexidade do sofrimento mental, e agravamento do seu estado psicológico.

Na narrativa, a personagem Laura Brown, sobrecarregada das demandas da rotina doméstica, opta por realizar um passeio sozinha como forma de fuga momentânea de suas responsabilidades. Durante sua permanência em um quarto de hotel, manifesta pensamentos suicidas, evidenciando um sentimento de nostalgia em relação ao seu “eu” do passado, período em que dispunha de mais tempo para dedicar-se às atividades que lhe proporcionam prazer. Por sua vez, Clarissa Vaughan, editora de livros, dedica-se ao cuidado com seu amigo Richard, portador de AIDS. Contudo, o suicídio deste desencadeia um profundo abalo emocional na personagem, conduzindo-a a reflexões existenciais acerca da vida, da morte e do significado de sua própria trajetória.

Com isso, a hipótese foi confirmada, uma vez que teoria feminista da deficiência articula estudos sobre gênero e deficiência questionando as estruturas de poder, e mostrando a discriminação que as pessoas que apresentam alguma deficiência enfrentam. E a obra em estudo de Michael Cunningham, mostra como as três protagonistas estão ligadas por seus questionamentos sobre a vida, problemas, aflições e experiências. Além disso, os fatores que influenciaram o desenvolvimento do adoecimento mental das três mulheres foram variados, porém, a insatisfação com a realidade, a pressão da sociedade da época, e batalhas mentais foram alguns motivos observados.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados possibilitaram a compreensão dos conceitos abordados sobre saúde mental, do estigma direcionado a indivíduos marginalizados e da forma como as exigências sociais, específicas de cada período histórico vivenciadas pela protagonistas, impactaram seu estado emocional. Diante disso, este estudo demonstra a importância da preservação da saúde mental para a manutenção de uma boa qualidade de vida, ressaltando ainda a necessidade de

desenvolver estratégias para lidar com as frustrações e adversidades inerentes à condição humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, N.; COELHO, M.T. A. D; PERES, M. F. T. O conceito de saúde mental. **REV. USP**, n. 43, p. 123, 1999.
- BRUNELLO, M. R. I. **Loucura**: um processo de desconstrução da existência. *Revista Terapia Ocupacional*, v. 9, n.1, p.14-19. 1998.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Lisboa: Gradiva, 1999.
- DIAS, L. **Uma análise intersemiótica da adaptação do livro As Horas para o cinema**. *Revista Encontros de Vista*, Recife, v 18 , n. 2, p. 43-52, jul./dez. 2016
- DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- DONALDSON, E. J. The corpus of the madwoman: Toward a feminist disability studies theory of embodiment and mental illness. **NWSA Journal** , p. 99-119, 2002.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: um estudo sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- Foucault, M. (2007). **História da loucura na Idade Clássica** (J. T. Coelho Neto, Trad., 8ª ed., Coleção Estudos, 61). São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GARLAND-THOMSON, R. Integrating disability, transforming feminist theory. **NWSA journal**, p. 1-32, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GONÇALVES, A. M. **A doença mental e cura: um olhar antropológico**. **Millennium-journal of Education, Technologies and Health**, Viseu, n. 30, p.0 159-171, nov. 2004.
- HAIDT, J. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de doenças mentais**: tradução de L. Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- JOSÉ, A. S. V. R. **Doenças mentais, domesticidade e queerness: paralelos identitários entre as protagonistas de as horas (1998)**, trabalho de conclusão de curso, licenciatura em letras-inglês) Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2023.

Morais, R. M. *et al.* **Depressão e suicídio no filme “As Horas”**. Revista Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 28, n. 1, p. 83-92, jan/abr. 2006.

Oliver M, BARNES, C. **Disabled People and Social Policy: from exclusion to inclusion**. London: Longman; 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde mental**. Brasília: Opas; OMS, 2019. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 09 NOV. 2024.

PINHEIRO, C. E. B. SANTOS, J. P.S. **As horas de Mrs. Dalloway: um olhar comparativista sobre as obras de virginia Woolf e Michael Cunningham**. Travessias, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=702078540027>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C.. **Metodologia do trabalho científico; métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, L. **O elogio ao isolamento em "As Horas", romance de Michael Cunningham e filme de Stephen Daldry**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 5, n.1, p.139-155, mar. 2024.